

## SENTINDO MEMÓRIAS: UMA INTERVENÇÃO SENSORIAL COM IDOSOS/AS RESIDENTES EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA NA CIDADE DE CARUARU-PE

José Wellington de Oliveira; (1); Jakeline Maria da Silva (1); Halline Iale Barros Henriques (2).

*Centro Universitário do Vale do Ipojuca- UNIFAVIP/DeVry  
wellingtonpsi83@gmail.com*

### RESUMO

A cultura ocidental relaciona o envelhecimento a uma série de estereótipos pejorativos. Envelhecer tornou-se motivo de preocupação e tristeza. É notório que o corpo envelhece e que algumas limitações surgem com a idade, mas o processo de envelhecimento não se restringe às mudanças físicas. Com o intuito de verificar as potencialidades de idosos foi realizada uma oficina com usuários de uma instituição de longa permanência da cidade de Caruaru – PE. Através de estímulos sensitivos foi possível evocar potencialidades muitas vezes adormecidas ou ignoradas pela sociedade em geral e até mesmo pelos próprios idosos que acabam por naturalizar concepções negativas a respeito do processo que estão vivenciando. O objetivo de tal intervenção não se restringiu a observar potencialidades latentes nos idosos, mas gerar a problematização a respeito do papel do psicólogo nas atividades de planejamento e atuação voltadas ao envelhecimento e à velhice.

**Palavras-chave:** Idoso, Envelhecimento, Memória.

### ABSTRACT

Western culture relates the aging to a series of derogatory stereotypes. Aging has become a cause for concern and sadness. It is obvious that the body grows old and that some limitations emerge with age, but the aging process is not restricted to physical changes. In order to verify the potential of the elderly, it was held a workshop with users of services of an institution of long permanence in the city of Caruaru – PE. Through sensory stimuli was possible to evoke potential, often dormant or ignored by society in general, and even by the elderly themselves, that they naturalize negative conceptions regarding the process they are experiencing. The goal of this intervention is not restricted to observe potential latent in the elderly, but generate the questioning about the role of the psychologist in planning activities and acts related to aging and old age.

**Keywords:** elderly, aging, memory.

### INTRODUÇÃO

O termo velhice é comumente associado a adjetivos pejorativos, que limitam a fase idosa ao adoecimento e à estagnação. É comum que palavras como “velho, idoso e ancião” estejam

associadas a um estereótipo que universaliza tal momento do desenvolvimento humano a características quase nunca positivas.

Socialmente, e no caso dos idosos, a valorização dos estereótipos projetada sobre a velhice uma representação social gerontofóbica e contribui para a imagem que estes têm de si próprios, bem como das condições e circunstâncias que envolvem a velhice, pela perturbação que causam uma vez que negam o processo de desenvolvimento. (MARTINS; RODRIGUES, 2004, p.250)

Sabe-se que a cultura ocidental é permeada por um ideal capitalista, no qual a produção e o consumo são elementos essenciais para construção e manutenção de um status. Os indivíduos que não produzem são tornados abjetos, excluídos da sociedade e estigmatizados, perdendo, assim, a possibilidade de construção, sendo colocados em um local de submissão e limitação. A velhice passa então a ser um lugar temido, muitas vezes ignorado e não planejado, o envelhecimento passa a ser negado ou retardado; assumir-se velho é aparentemente vergonhoso. Autores como Magalhães (2010) elencam os principais estereótipos negativos aos quais os idosos estão sujeitos. É possível nomear nove deles: a doença, a impotência sexual, a fealdade, o declínio mental, a doença mental, a inutilidade, o isolamento, a pobreza e a depressão.

Tomando como ponto de partida os estereótipos citados anteriormente, limitaremos a fase idosa ao envelhecimento biológico e à decadência psíquica, entretanto, é preciso romper com tais concepções e entender o envelhecimento não como uma fase isolada da vida, na qual os sujeitos tornam-se improdutivos ou inertes. É difícil enxergar outras perspectivas quando nossa visão é obscurecida pela forma de pensar do sujeito ocidental. O sujeito ideal do mundo moderno precisa ter um corpo estruturado conforme ditam as questões estéticas; sabendo que a velhice apresenta marcas neste modelo corpóreo é possível notar as influências negativas que essas mudanças acabam repercutindo no ser idoso.

A vivência primeira da velhice se dá no corpo, o corpo por si só não se revela como atributo da velhice, mas uma vez que ela, como estigma; se instala no corpo e passa a inquietar o idoso, onde se expressa o sentimento de um corpo imperfeito, em declínio, enfraquecido, enrugado, extrapola a visão do corpo, ampliando para a personalidade, o papel social, econômico e cultural do idoso. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2008, p. 21)

É mister ressaltar que os estereótipos atribuídos ao envelhecimentos estão pouco ligados às características específicas do idoso e em muito relacionados a traços da personalidade e fatores socioeconômicos, ao exemplo de “não são sociáveis e não gostam de se reunir”; “temem o futuro”; “gostam de conversar e contar as suas recordações”; “são pessoas doentes que tomam muita medicação”; “não se preocupam com a sua aparência”; “são muito religiosos e praticantes”; “são muito sensíveis e inseguros”, dentre outros, conforme lista um estudo realizado na Université de Montreal por Champagne e Frennet (DINIS, 1997 apud MARTINS; RODRIGUES, 2004, p.251). Tal percepção, ao tempo que reduz a complexidade humana, padroniza o sujeito, minimizando as diferenças individuais e as realidades específicas, mesmo entre membros de um mesmo grupo.

Por outro lado, os idosos que possuem vida ativa, distantes de tais estigmas, são encarados como exceções, com “práticas atípicas” e “comportamentos não condizentes com a faixa etária em que se encontram”. Neste tocante, tais reproduções estereotipadas e generalistas, corriqueiras dentre a sociedade, através do senso comum, reforçada e estigmatizada pelo *mass media*, são potencializadores de abandono, preconceito, discriminação, sofrimento psíquico e somatização.

A estereotipia negativa foi contestada ao longo dos tempos por vários autores (Lehr, 1977/1980; Palmore, 1988; Laforest, 1989/1991; Moragas, 1995; Belsky, 1999/2001; Tortosa & Motte, 2002), pois tais estereótipos não passam de falsas concepções que podem traduzir-se em barreiras à funcionalidade dos idosos, dados que influenciam negativamente o status social do ser-se idoso. Por outro lado estes estereótipos podem resultar em idadismo. (MAGALHÃES et al, 2010, p.8)

Para Magalhães (2010), o preconceito se manifesta através de um estereótipo negativo ou através de uma atitude negativa, sendo o primeiro de caráter cognitivo e a segunda essencialmente afetiva. “(...) Usualmente os estereótipos negativos levam a atitudes negativas e as atitudes negativas suportam estereótipos negativos” (Magalhães, 2010, p.9). Quando estes estereótipos negativos são levantados a partir da idade de um sujeito (geralmente idoso) vindo a gerar qualquer tipo de discriminação ou preconceito podemos conceituar tal ação enquanto idadismo.

Compreendendo o envelhecer como processual, com o passar dos anos algumas alterações vão ocorrendo, sejam de ordem física ou psíquica, como alterações no metabolismo,

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

[www.cieh.com.br](http://www.cieh.com.br)

estendendo-se por perdas progressivas na capacidade sensorial, cognitiva e comunicacional. Muitos estudos do campo da gerontologia apontam que uma das características da velhice é o declínio das funções cognitivas, em especial a memória. De acordo com Yassuda (2012) as hipóteses para justificar este fenômeno caminham desde as alterações neurológicas até a redução dos estímulos cognitivos.

Ao longo das últimas décadas muitas hipóteses foram elaboradas na tentativa de explicar o pior desempenho dos idosos em tarefas de memória. Essas hipóteses versam sobre as alterações neurológicas que ocorrem no envelhecimento relacionadas à diminuição na velocidade do processamento das informações; alterações cognitivas, como o menor uso de estratégias durante a memorização; e mudanças no estilo de vida do idoso, como a redução nas oportunidades de estimulação cognitiva em virtude da aposentadoria ou do isolamento social. (YASSUDA, 2012, p.111)

Diante deste contexto, faz-se importante definir o conceito da auto eficácia. As alterações físicas e psíquicas trazidas com o passar do tempo são percebidas também pelos próprios idosos, internalizando, muitas vezes, expectativas de incapacidade, provocando perdas na auto eficácia. Esta é compreendida como “um construto central para o entendimento de desempenhos de memória” (BANDURA, 1997 *apud* JUNIOR; RESENDE, 2012, p.132). Deste modo, se por um lado, a biologia traz o declínio das funções cognitivas como uma realidade do envelhecimento celular, a aceitação das crenças fundamentadas na reprodução dos estereótipos e atitudes negativas expressas pela sociedade, poderá influenciar na auto eficácia para desenvolvimento da memória.

A Casa dos Pobres São Francisco de Assis é uma instituição de longa permanência, fundada há 67 anos, com foco inicial em abrigar pessoas em situação de rua. Com o passar dos anos, seu público prioritário tornou-se idosos, atualmente, em sua maioria “idosos-idosos” (entre 75 e 84 anos) segundo consta no blog da instituição (acessado no dia 03/05/2015), não somente senescentes, mas também senis. Entende-se por senescência os declínios funcionais físicos naturais do desenvolvimento humano, enquanto por senilidade entende-se o processo de envelhecimento patológico, carregado de doenças atípicas ao envelhecimento natural.

Diante desta realidade, a oficina “Sentindo Memórias” visou estimular este universo possivelmente adormecido da memória. Por meio de processos sensório-perceptivos buscou-se estimular os processos de filtro e armazenamento. Sabemos que os processos sensório

perceptivos sofrem alterações durante o envelhecimento, entretanto tais variações não se dão de forma linear, idosos numa mesma faixa etária podem apresentar respostas completamente diferentes a tais estímulos. Geralmente a visão e audição são os sentidos mais afetados com a idade, visto que células muito peculiares vão se desgastando ao longo da vida. Tais limitações devem ser levadas em consideração no momento de trabalhar com idosos, não vistas como empecilhos, mas como zonas passíveis de estímulo e produtoras de resultados.

Através dos processos sensoriais perceptivos é possível evocar memórias que correspondem a um processo de filtro e armazenamento de lembranças. Sabe-se que a falta de memória é considerada um sinal do envelhecimento (PAPALIA, FELDMAN, 2013), porém é preciso muito cuidado ao tomar tais afirmativas, para não generalizar questões individuais, nem cair no campo dos estereótipos da velhice. Geralmente o sistema de memória que é alterado com mais intensidade é o da memória de curto prazo, ou seja, os eventos mais recentes e cotidianos podem ser esquecidos ou evocados com maior dificuldade. O sistema de longo prazo por sua vez sofre poucas alterações, uma vez que geralmente tais memórias estão associadas a conteúdos afetivos. Trabalhar com memória vai além de estimular a memorização de números ou de tarefas, embora seja inegável que em alguns momentos seja essencial trabalhar nesta perspectiva. É preciso ressaltar os ganhos que se adquirem com a idade, não enaltecendo os declínios, mas estimulando as funções desgastadas e apreciando aquelas desenvolvidas de forma mais intensa.

Deste modo, com o intuito de verificar as potencialidades de idosos foi realizada uma oficina para, através de estímulos sensitivos, evocar potencialidades muitas vezes adormecidas ou ignoradas. Entretanto, o objetivo de tal intervenção não se restringiu aos idosos, mas também atuou na perspectiva de gerar a problematização a respeito do papel do psicólogo nas atividades de planejamento e atuação voltadas ao envelhecimento e à velhice.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de caráter descritivo com residentes da instituição de longa permanência Casa dos Pobres São Francisco de Assis, localizada na cidade de Caruaru-PE. Trata-se de uma Instituição Filantrópica que iniciou seus trabalhos a partir da

ASSOME (Associação de Maçons do Agreste) que, visando ajudar as pessoas em situação de rua da cidade de Caruaru e cidades circunvizinhas passou a distribuir cestas básicas e futuramente a hospedá-las no espaço que veio a se tornar a instituição. Com o passar dos anos, o número de idosos superou o previsto, tornando-se este o público alvo do ambiente e caracterizando-a enquanto Instituição de Longa Permanência para Idosos, conforme a lei 10.741/2003 (Estatuto do Idoso).

Foi utilizado enquanto critério de seleção e inclusão, a disponibilidade e interesse dos internos em participar das atividades propostas, sendo assinado um termo de consentimento livre esclarecido que os assegurou o anonimato. A atividade levou em consideração algumas categorias como a resposta a estímulos sensoriais e psicomotores, a evocação de memórias de curto e longo prazo, assim como o manejo das funções superiores (inteligência, criatividade e sabedoria). Para obtenção de dados foi planejada e vivenciada uma oficina tendo como pano de fundo os processos sensório-perceptivos. A coleta de dados foi realizada no dia 07 de maio de 2015, por seis alunos do curso de Psicologia da UNIFAVIP-DeVry, sob orientação docente. Participaram da coleta oito usuários dos serviços oferecidos pela instituição, com idade variando entre 45 e 85 anos.

A oficina foi planejada para ser realizada em três momentos, no entanto foi adaptada a situação sendo dividida em cinco partes, sendo a primeira delas voltada à exploração dos processos sensórios perceptivos táteis; tendo como objetivo além do estímulo dos processos sensórios perceptivos a evocação de memórias de curto ou longo prazo, uma vez que os objetos utilizados foram escolhidos visando alcançar conteúdos afetivos (pião, boneca de pano, “mané gostoso”, bola de gude, monóculo, ferro a brasa, pífano). No segundo momento, o processo sensório perceptivo explorado foi o olfato, estimulado com ervas medicinais (canela, erva doce, alecrim, capim santo e boldo). A partir das reações fisiológicas, visou-se explorar memórias armazenadas problematizando uma discussão referente à utilidade das ervas.

A terceira atividade proposta pelo grupo ofereceu como estímulo sensorial algumas imagens. Fazendo uso da visão, tentou-se evocar memórias de longo prazo, visto que as imagens eram referentes a momentos nostálgicos que poderiam ser associados a períodos de tempo anteriores. As imagens utilizadas estavam associados a vida no campo visto que os

usuários do serviço tem em sua maioria raízes rurais.(plantações, chuva, fogão a lenha, pau-de-arara, boneca de milho).

O último dos sentidos explorados foi à audição, através da reprodução de músicas regionais (Selma do coco, Jorge de Altinho, Luiz Gonzaga, Marinês, Lia de Itamaracá, Azulão e Belchior) pode se observar, além do processo sensorial auditivo, a capacidade de evocar letras, assim como as possibilidades criativas e artísticas do grupo que se mostraram bastante manifestas. A oficina foi finalizada com um momento de discussões e partilha de experiências, no qual pode ser realizada a avaliação do momento como um todo, devolvendo para os participantes as impressões que estes construíram.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência na Instituição de Longa Permanência possibilitou a desconstrução de uma série de estereótipos direcionados aos idosos. Em alguns dos casos ficou notório um nível de comprometimento motor e em até certo ponto cognitivo, visto que alguns dos participantes da oficina não conseguiram lembrar o nome de alguns objetos e\ou aromas, mesmo tendo consciência de que já haviam visto, sentido ou tocado aquilo antes. Entretanto não podemos nos limitar a estas falhas de reconhecimento para avaliar o processo ou rotular os indivíduos. Em todos os momentos da oficina os idosos surpreendiam com seu potencial criativo e conteúdos afetivos, demonstrando que as limitações físicas decorrentes do envelhecimento biológico não eram suficientes para construir sobre eles qualquer tipo de estigmas.

É impossível negar as limitações que a idade muitas vezes traz consigo, mas é muito superficial partir destas premissas para construir sobre eles qualquer tipo de rótulo. Como visto anteriormente a oficina trabalhou com base em estímulos sensitivos e perceptivos evocando a partir deles memórias e afetos. Em muitos momentos a fala dos integrantes demonstrava quão discriminados e marginalizados se sentiam, mesmo sabendo de todo potencial que carrega consigo. Alguns dos envolvidos no processo evocaram memórias de carga emocional muito forte, nos levando a desconstrução dos modelos de envelhecimento limitadores e superficiais.

O sorriso, o choro, o ar pensativo, a contemplação ou a nostalgia vivenciada ao longo da oficina, proporcionaram a criação de um conceito para o idoso baseado em perspectivas biopsicossocioculturais.

É preciso entender o humano em sua complexidade; a subjetividade se constrói ao longo das vivências e experiências que o sujeito tem com o mundo, com as pessoas e com os objetos que o cercam. Tal construção não cessa com o passar do tempo, muito pelo contrário ela pode ser maximizada, retificada e reavaliada surgindo assim possibilidades muitas vezes mais sadias e/ou reflexivas do que aquelas até então vivenciadas.

Velhice não é sinônimo de fracasso ou depressão, quando o sujeito sente-se desta forma na idade adulta tardia não quer dizer que esteja vivendo um processo comum a todos; pelo contrário geralmente desarranjos afetivos que repercutem na fase idosa são frutos de conflitos que não foram resolvidos de maneira adequada ao longo das demais fases do desenvolvimento humano.

Os sujeitos internos em instituições de longa permanência sofrem ainda mais com o processo de envelhecimento, quando tomam o abandono como consequência de suas limitações. Os estereótipos citados anteriormente não partem apenas da sociedade para os sujeitos, na fala de muitos deles é possível perceber o quanto tais construções sociais acerca da velhice repercutem no modo como estes se enxergam. A auto imagem dos mesmos acaba por vezes sendo deteriorada e estigmatizada impossibilitando as potencialidades e os acomodando no lugar de resquícios e abjetos.

É analisando tais ambientes que notamos a carência de profissionais de psicologia preparados e inseridos nas Instituições de Longa Permanência para Idosos. Durante muito tempo a velhice não chamava a atenção da psicologia e poucos, quiçá nenhum estudo eram voltados para tal campo, entretanto com o aumento da população idosa a psicologia se viu forçada a reformular suas teorias e práticas inserindo nas discussões a qualidade de vida do sujeito que envelhece. Quando se trata do sujeito em processo de envelhecimento inserido (muitas vezes abandonados) em instituições o olhar da psicologia precisa ser ainda mais amplo, trabalhando desde os estímulos psicomotores até as questões afetivas de cada indivíduo. É

preciso assessorar as instituições na construção de políticas adequadas assim como trabalhar com grupos e indivíduos, orientando, estimulando, intervindo e avaliando.

## **CONCLUSÃO**

Conclui-se, portanto que o envelhecimento é um processo contínuo de construções e desconstruções. Em muitos momentos contemplamos a velhice com a visão coberta de estereótipos pejorativos o que acaba nos levando a avaliar tal fase como algo negativo e homogeneizador. Tais construtos estão tão arraigados no discurso de nossa sociedade ocidental que os próprios sujeitos negam sua velhice ou a aceitam de maneira destrutiva ignorando os potenciais criativos que a mesma possa vir a apresentar. Cabe, portanto a psicologia atuar de maneira ativa em todas as esferas sociais problematizando a desconstrução de estereótipos e o vislumbre da velhice enquanto processo biopsicossociocultural, estimulando o potencial criativo e a produção subjetiva.

Por muito tempo a psicologia esteve voltada apenas para os moldes clínicos e elitizados, mas com a sociedade mudando ela foi se adequando e ampliando seu campo de atuação. Atualmente independente da área de atuação é necessário que os profissionais da psicologia estejam inseridos nas discussões de políticas públicas, construindo e desconstruindo ideias, reformulando leis, planejando atuações e assessorando instituições e organizações, afinal de contas a psicologia precisa parar de esperar que a demanda vá até ela, é preciso arregaçar as mangas e atuar de maneira intensa na construção de uma sociedade mais humana e saudável. A psicologia elitizada ampliou suas dimensões alcançando espaços sociais que antes eram distantes e inacessíveis.

## **REFERÊNCIAS**

Martins RML, Rodrigues MLM. Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. Ed cienc e tecnol. 2004. p.249-254.

Magalhães C, Fernandes A, Antão C, Anes E. Repercussão dos estereótipos sobre as pessoas idosas. Rev Transdiscipl de Gerontol. 2010. p.6-16.



Conselho Federal de Psicologia. Envelhecimento e Subjetividade: Desafios para uma cultura de compromisso social. Brasília-DF, 2008.

Yassuda MS. Desempenho de memória e percepção de controle no envelhecimento saudável; In: Neri AL. Velhice bem sucedida: aspectos afetivos e cognitivos. Campinas-SP: Papirus; 2010 p. 111-125.

Júnior EL. Resende, MC. *Auto eficácia, memória e envelhecimento*. In: Neri AL. Velhice bem sucedida: aspectos afetivos e cognitivos. Campinas-SP: Papirus; 2010 p. 127-140.

Casa dos Pobres São Francisco de Assis. Casa dos Pobres [blog na internet] Caruaru. 28 de novembro de 2013. Uma história de mais de seis décadas. Disponível em: <http://casadospobres-caruaru.blogspot.com.br/>

Papalia DE. Olds SW. Feldman RD. Desenvolvimento Humano 8ª ed. Porto Alegre; 2001 p. 660-702.

Ministério da Saúde (BR). Estatuto do idoso. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.